

# Reportagem Especial

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT

TRAGÉDIA AMBIENTAL

## Vidas destruídas pela lama

**Moradores de Colatina, uma das regiões atingidas pela lama no Rio Doce, relatam histórias de tristeza 107 dias após desastre**

Cento e sete dias se passaram desde a tragédia da lama provocada pelo rompimento de uma barragem da Samarco na cidade de Mariana (MG), mas o tempo não se encarregou de apagar a dor e tristeza de quem mora nas cidades cortadas pelo Rio Doce, cuja tonalidade original ganhou uma cor bem diferente.

E foi para conferir de perto os estragos causados pelos rejeitos de minério que a reportagem percorreu 129 quilômetros, saindo de Vitória, para ouvir aqueles que tiveram a vida destruída pela lama, pois dependiam do rio para garantir o sustento e sobreviver.

Moradores vários cantos de Colatina, uma das regiões atingidas, relataram as lembranças de um rio vivo e farto na pesca até a tragédia com a chegada da lama na cidade, na madrugada de 18 de novembro de 2015. O rompimento da barragem em Minas foi no dia 5 do mesmo mês.

Pela cidade, ainda é possível ver pessoas paradas para ver o rio e lamentando o cenário. Nas ilhas que ficam no entorno, o sentimento é idêntico.

Próximo à ponte Florentino Avidos, que atravessa o Rio Doce, fica a principal peixaria de Colatina, onde a reportagem encontrou o vice-presidente da Associação de Pescadores de Colatina, Valdomiro Jesus da Rocha, de 53 anos, e vários pescadores.

**O PESCADOR LUIZ ROZA** ficou arrepiado ao falar da tragédia e admitiu que chorou ao ver a lama invadindo o rio. “Nosso ganha-pão vinha do rio. Também faço redes de pesca, mas agora não temos mais peixes e a pesca não está liberada”

Ao lado dos pescadores Antonio José Alves, Paulo Tadeu, ambos com 52 anos, Antonio Correia, 48, e Fernando Freitas, 38, Valdomiro contou que a pesca rendia, no mínimo, R\$ 3 mil por mês.

Ele contou que a Samarco dá um salário mínimo (R\$ 880), mais 20% disso por dependente, e uma cesta básica no valor de R\$ 358 por mês. Eles também estão recebendo o seguro defeso, do governo federal, de um salário mínimo.

“O defeso começou no dia 1º de dezembro de 2015 e segue até o final deste mês”, disse Valdomiro.

Na Ilha Formosa, a 10 km do Centro, o pescador Luiz Roza da Costa, 56, ficou arrepiado ao falar da tragédia e admitiu que chorou ao ver a lama invadindo o rio.

Enquanto levava a reportagem até a sua casa, de barco a motor, ele dizia: “O negócio é feio demais. Nosso ganha-pão vinha do rio. Também faço redes de pesca, mas agora não temos mais peixes e a pesca não está liberada. Vivo com o auxílio da Samarco.”

Na cidade, muitas pessoas que dependiam financeiramente do rio fizeram cadastro e aguardam o auxílio. É o caso da artesã Fabiane da Rocha, 38. “Meu sustento vinha do rio. Agora lavo roupas duas vezes por semana para me manter.”

### OS NÚMEROS

**17 pessoas** morreram na tragédia, em Minas Gerais

**2 corpos** de trabalhadores ainda estão desaparecidos

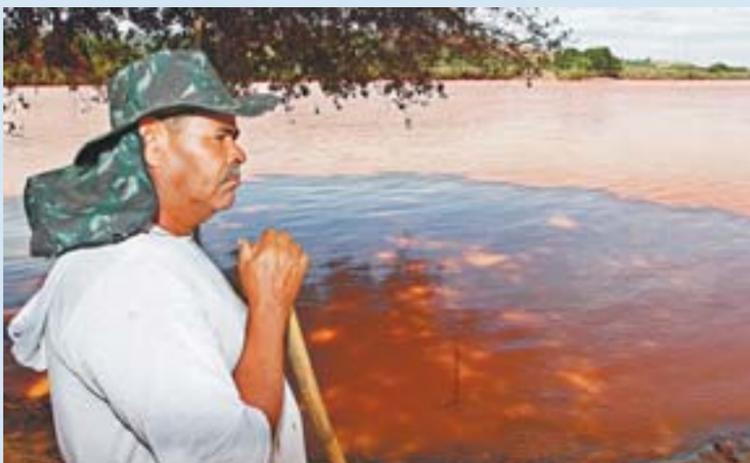
### O DRAMA DOS PESCADORES

#### “A esperança é só Deus”

Com lágrimas, o pescador Geraldo Roza da Costa, de 65 anos, conta história de boas pescarias no Rio Doce e diz que sua única esperança de ver as águas, como no passado, é Deus.

Por mês, a pescaria lhe rendia de R\$ 1,5 mil a R\$ 2 mil. Agora faz redes de pescas, embora a esperança de ter algum retorno financeiro ficou distante.

“Não vendo as redes. Cobrava apenas a mão de obra. Mas agora não se pode pescar no rio. É difícil. A nossa esperança é só em Deus, porque o homem dificilmente vai devolver o nosso rio como ele era.”



#### Medo de rompimentos

Olhando para o Rio Doce, o pescador Sebastião da Costa, de 55 anos, falou da renda de R\$ 1 mil a R\$ 1,5 mil que ganhava por mês com a pesca. Agora, ele recebe o auxílio da Samarco.

Mas em meio a tanta tristeza, ele se solidarizou com as pessoas que foram ainda mais atingidas pelos rejeitos de minério. “Embora seja muito triste ver tudo isso, temos que agradecer a Deus por estarmos vivos. Até hoje há corpos de desaparecidos em Minas.”

Ele também se mostrou preocupado com a possibilidade de novas barragens se romperem em Minas.



#### Peixaria sem peixes

Uma bancada e balança que sempre ficaram cheias de peixes da água doce agora estão vazias. Essa cena foi mostrada pelos pescadores de Colatina Jovaci Correia, 47 anos, Edilson Wotikoski, 50, Edson Cirino, 45, Paulo Sérgio Paiva, 65, e Pedro Wotekoski, 56.

“Ainda tem peixe da água salgada, mas as pessoas nem entram na peixaria para ver. É desesperador. Nós ficamos no prejuízo”, lamentou Edilson.



## Reportagem Especial

## TRAGÉDIA AMBIENTAL

## “Chorei ao ver o rio desse jeito”

A bordo de um barco a motor, debaixo de um sol escaldante, o pescador Domingos Vagner Merlo, de 39 anos, levou a reportagem de **A Tribuna** para ver de perto os estragos causados pela lama no Rio Doce, em Colatina. Na conversa, ele não teve dificuldade em assumir que chorou ao ver o rastro de destruição.

Em um percurso de dois quilômetros, feito em meia hora, nada de peixe pulando na água, como era fácil ver no passado bem próximo. Quem chamava a atenção eram os pássaros voando sobre o rio e urubus em bancos de areias.

Ele contou que capivaras também costumam atravessar o rio, com dificuldade, carregando seus filhotes para se alimentar nas ilhas.

**A TRIBUNA – O senhor pesca há quantos anos no Rio Doce?**

**DOMINGOS VAGNER MERLO –** Pesco há mais de 15 anos, mas meu registro é de cerca de três anos. O rio era a fonte de renda de muitos pescadores. Eu sustentava meus filhos e minha mulher aqui.

**> A pesca era garantida?**

Com certeza! Curimba, por exemplo, era uma média de 200

quilos em um dia. Os outros peixes, como traíra, robalo e cascudo, uma média de 40 a 60 quilos, conforme o dia. Pescava todos os dias e comercializa na pescaria no centro. Por mês, recebia uma faixa de R\$ 2,5 mil.

**> Como descreve o que sentiu e sente ao ver o rio desse jeito?**

São vários sentimentos, como os de revolta e tristeza. O rio está morto, não vemos mais espécies vivas nele. Vimos muitos peixes mortos, mas agora é bem difícil de se ver.

**> Chorou em algum momento?**

Eu, assim como quase todo mundo que vive da pesca, chorei ao ver o rio desse jeito, com um rastro de destruição por todos os lados. O sustento de muitas famílias está ameaçado. O pior é que a gente busca tantas respostas, mas elas não são esclarecidas.

**> Quais?**

Há de fato risco do rompimento de outras barragens? Se assim já está triste, imagine se isso acontecer? Também gostaria de saber quando a pesca será liberada no Rio Doce.

**> Vocês usam a água tratada para quê?**

Só para lavar roupas e limpar a casa. Compro água mineral para beber e cozinhar. Um galão de 20 litros dá para três dias. Gasto uma média de R\$ 100 por mês só com água. Seria bom se a Samarco voltasse a distribuir água para a população.

**> Tem esperança de ver o Rio Doce como era no passado?**



MANOEL MOREIRA



DOMINGOS no Rio Doce, onde urubus agora são vistos em bancos de areia

Não. Minha esperança é que meus filhos possam ver um dia o Rio Doce sem lama. Talvez um dia, se Deus quiser, eles possam pescar aqui como eu pesquei e era bem feliz.

**> Como está garantindo o sustento da família?**

Recebo o salário da Samarco e a

cesta básica, e vou levando a vida fazendo alguns bicos.

**> Cortou despesas em casa?**

Sim. Cortei a TV a cabo, reduzi a carne. Infelizmente, temos de nos adequar à nossa nova realidade. Enquanto isso, os culpados por essa tragédia estão em liberdade, o que é lamentável.

## Sofrimento para utilizar água no banho e na limpeza

Desde que o Rio Doce foi tomado pela lama, a rotina da padeira Therezinha Biazatti, 55 anos, mudou. Ela, que já enfrentou filas para conseguir água mineral que era distribuída, agora reclama da água tratada que chega em sua casa, no bairro Ayrton Senna, em Colatina.

“Manchas e coceira aparecem sempre que tomamos banho por causa do cloro na água. Isso está acontecendo há mais de um mês. A coceira dura 20 minutos.”

E completou: “O cloro é tanto que quando lavo roupa de cor, ela fica toda manchada. Eu tinha água mineral em casa, mas a partir de agora terei que comprar, pois não tenho coragem de beber e cozinhar com essa água.”

A Prefeitura de Colatina afirmou que monitora diariamente a qualidade da água das estações de tratamento e que faz testes para verificar a qualidade da água que chega às residências. Garantiu que o padrão de cloro está dentro dos parâmetros estabelecidos por portaria do Ministério da Saúde.



KADIDJA FERNANDES/AT

THEREZINHA BIAZATTI: queixas

“Minha esperança é que meus filhos possam ver um dia o Rio Doce sem lama. Talvez um dia, se Deus quiser, possam pescar aqui”

Domingos Vagner Merlo, pescador

**O ARTESÃO JOÃO MENDES** precisou abandonar a tarefa de confeccionar peneiras, que era responsável pelo sustento da família



KADIDJA FERNANDES/AT

## Arte com peneiras fica abandonada

A arte de fazer peneiras usando a matéria-prima ubá – espécie conhecida também como cana-do-rio – foi passada de geração em geração. Mas esse meio de sustento teve de ser suspenso pelo artesão João Mendes, 46, morador Colatina.

Com um sorriso, ele conta, ao lado do pai Sebastião Mendes, 70, e dos irmãos, que aprendeu a fazer peneiras na infância e, de lá para cá, isso ajudava no sustento da família. Só que esse sorriso logo some do

seu rosto, quando fala da lama de rejeitos que castiga o Rio Doce.

“Eu e mais quatro pessoas fazíamos uma média de 40 peneiras por dia, mas isso faz parte do passado”, contou, enquanto mostrava o resto do material usado na fabricação.

Ele explica que o ubá fica nas ilhas de areia às margens do rio. “A lama de rejeitos atingiu parte da plantação de ubá. Agora não estamos atravessando o rio devido à lama. Além disso, na hora que a gen-

te tira a matéria-prima nos deparamos com poeira e temos receio de contaminação. Meus maquinários estão todos parados.”

E para se manter, o artesão abriu um bar. “Fazendo peneiras, a renda antes da lama era de R\$ 1,5 mil a R\$ 2 mil por mês. Com o bar, a renda não tem nem comparação.”

Ele, assim como uma média de 10 famílias da região Quinze de Outubro, aguarda o auxílio financeiro da Samarco.

## RELATOS DOS MORADORES

KADIDJA FERNANDES/AT



## Cloro para tratar água

Morando em uma ilha, em Colatina, a pescadora e aposentada Maria Correia, conhecida na região como dona Mariquinha, de 61 anos, luta com a água barrenta do Rio Doce.

“Usamos água do poço, que foi feito depois que a lama chegou, para cozinhar e beber. Para lavar roupa e limpar a casa, tratamos a água do rio com cloro, mas não é a mesma coisa. Para 200 litros de água, usamos duas colheres de sopa de cloro. É preciso 24 horas para a água perder a cor de lama.”

KADIDJA FERNANDES/AT

## Improviso

É vendendo churrasquinho, no bairro Quinze de Outubro, em Colatina, que a artesã Eliana Aparecida da Silva Pereira, de 34 anos, encontrou um jeito para minimizar os impactos causados pela lama no Rio Doce.

“Eu e meu marido fazíamos peneiras, mas com a lama a colheita de ubá ficou comprometida. Eu estou vendendo churrasquinho e meu marido faz bicos.”

Mas ela falou sobre a queda no faturamento: “Fazendo peneira, o nosso lucro era, em média, de R\$ 2 mil por mês, e vendendo churrasquinho se der R\$ 50 a R\$ 60 por semana é muito.”



## Reportagem Especial

## TRAGÉDIA AMBIENTAL

# Prejuízos no comércio e turismo

Depois de mais de 100 dias do rompimento de barragem de rejeitos no Rio Doce, empresários, agricultores e famílias ainda amargam perdas

**A** lama de rejeitos de minério da Samarco não deixa apenas danos ambientais por onde passa. Comércio, fábricas e turismo também foram afetados, principalmente na época da chegada ao Rio Doce. Alguns até hoje ainda amargam prejuízos.

Em Regência, Linhares, o turismo foi devastado, segundo o empresário Robson Barros da Rocha, 46 anos. Ele era dono da Surf House, um espaço que tinha desde lojas com equipamentos para surf, a espaços para acampamento e lanches, tudo voltado para o turismo.

“Vivo há 12 anos em Regência. Com a lama, as pousadas e espaços da região estão desertas. Não tem mais viver de turismo na região. Até minha energia foi cortada porque ninguém mais está indo. Perdi tudo e agora tive que mudar, com minha família, para a casa do meu sogro, em Vila Velha”, contou.

## EFEITOS

Em Colatina, onde a reportagem passou o dia de ontem, muitos empresários também falaram sobre prejuízos, principalmente na época da interrupção do abastecimento. Mesmo assim, alguns ainda sentem os efeitos da lama.

Há 53 anos aberto, um dos restaurantes mais tradicionais de Colatina, o Drink, ainda sente de perto os reflexos da tragédia ambiental.

Segundo o proprietário e delegado da regional do Sindicato dos Restaurantes, Bares e Similares do Estado (Sindbares), Jean Carlos Pancieri, a vista do restaurante, que sempre foi voltada para as belezas do Rio Doce, hoje é bem diferente. “Agora só se vê lama”, lamentou.

O proprietário lembrou dos momentos de sufoco passados por todo o comércio com a interrupção do abastecimento de água.

“No restaurante, nosso movimento caiu na época cerca de 40%, pois, mesmo há muitos anos a gente trazendo o peixe de fora do Estado, as pessoas ainda tinham receio de comer.”

Ele revelou que até hoje mantém à vista dos clientes a nota fiscal da compra do robalo, já que ainda há quem pergunte a procedência do pescado.

“Na época, também tivemos que contratar caminhões-pipa para trazer água de lagoa para limpeza, e água mineral para cozinhar. Hoje o movimento está normalizado, mas há um clima de insegurança na cidade e no comércio em geral pelo medo da captação de água ser interrompida a qualquer momento”, afirmou.

Além do comércio, os prejuízos também impactaram os pecuaristas e produtores de café ribeirinhos, que já contabilizam perdas.

**JEAN CARLOS PANCIERI** tem restaurante em Colatina e disse que a vista do estabelecimento, voltada para o Rio Doce, hoje só se vê lama



ANTONIO MOREIRA/AT

## CASOS EM COLATINA



ANTONIO MOREIRA/AT

### Água mineral

Com a chegada da lama e a insegurança com relação à água distribuída, até hoje salões de beleza sentem os reflexos da tragédia.

No Studio Dika Alves, a cabeleireira Bia Alves contou que foi preciso encher galões de água para lavar os cabelos das clientes na época. “Até hoje, há mulheres que trazem água mineral para lavar os cabelos no salão, pois dizem que há muito cloro na distribuída.”



ANTONIO MOREIRA/AT

### Atraso nas entregas

Após um fim de ano complicado, hoje funcionários da Lavanderia Lavart já respiram aliviados com a produção normalizada.

A responsável pelo financeiro e recursos humanos da empresa, Lorraine Pereira, conta que com a chegada da lama a lavanderia de jeans chegou a ficar fechada por três dias, deixando de

produzir cerca de 20 mil peças.

“Nós não conseguimos captar a água e tratar imediatamente, por isso paramos por três dias. Depois tivemos de usar um polímero, mais caro, para tratar a água por um tempo. Foi difícil, já que estávamos fazendo produção para o Natal. Tivemos atrasos na entrega e prejuízos com isso. Hoje tudo está normalizado”, revelou.

### Prejuízos à pastagem

A lama também vem acarretando prejuízos aos pecuaristas das margens do Rio Doce. Um deles, Loulival Parteli, disse que em sua propriedade o aumento do nível das águas com as últimas chuvas, que vêm arrastando mais resíduos, já devastou 20% das pastagens.

Segundo ele, ainda não houve comprometimento da produção do seu rebanho, já que a propriedade conta com uma reserva de capim, mas a preocupação é que mais chuva traga mais prejuízos.



MANOEL MOREIRA

### Caminhões-pipa

Assim como muitas indústrias do vestuário da região, que fazem captação da água do Rio Doce, a PW Brasil também teve de driblar a chegada da lama.

O gerente de produção da fábrica, Felipe Vieira, disse que para conseguir manter a produção, na época teve de contratar caminhões-pipa para buscar água em lagoas.

“Gastamos cerca de R\$ 15 mil com caminhões. Quando retomamos a captação, também foi necessário aumentar produtos usados para o tratamento da água. Hoje tudo está normalizado.”



ANTONIO MOREIRA/AT

## Reportagem Especial

## TRAGÉDIA AMBIENTAL

# “Samarco é a empresa das promessas”



NÍLO TARDIN - 16/11/2015

**NETO BARROS,** prefeito de Baixo Guandu, reclama que a empresa ainda não compensou prejuízos causados pela lama

Muitas promessas, mas poucas soluções. Essa é a avaliação do prefeito de Baixo Guandu, Neto Barros, sobre a atuação da Samarco na contenção dos danos após o rompimento da barragem da empresa, em Mariana (MG), que deixou um rastro de lama no Rio Doce.

“Não mudou muita coisa desde a chegada da lama. A Samarco é a empresa das promessas. Tivemos muitos prejuízos, principalmente no abastecimento de água da cidade”, disse o prefeito.

Ele explicou que, com a lama, a prefeitura teve que buscar água em outras reservas e isso tem dificultado o tratamento.

“Estamos tendo que investir mais para manter o abastecimento. Além disso, dezenas de famílias dependiam do rio para sobreviver e, com a lama, a economia do município acabou sendo afeta-

da”, argumentou Barros.

Outra cidade a enfrentar problemas por causa da lama da Samarco é Colatina. Segundo o prefeito Leonardo Deptulski, mesmo após cerca de 100 dias do rompimento da barragem, os resíduos no Rio Doce, somados à seca, têm sido um desafio na vida dos empresários e da população do município.

“Mesmo depois de tanto tempo, ainda está muito difícil, especialmente por causa da desconfiança que gerou sobre a água. Mas estamos tratando e fazendo análises

diárias da qualidade. Para a economia, o impacto se refletiu sobretudo na agricultura e nas empresas que dependem da água”, disse Deptulski, ressaltando que, apesar dos prejuízos, as empresas não foram tão afetadas.

Outra cidade que está enfrentando muitas dificuldades é Linhares. Segundo o secretário de Desenvolvimento e de Meio Ambiente do município, Rodrigo Paneto, a cidade vai ter um longo caminho para conseguir compensar todas as perdas que a lama causou ao município.

“Calculamos um prejuízo de R\$ 70 milhões, levando em conta todos os aspectos, como turismo e meio ambiente. Atualmente, estamos sendo prejudicados na captação de água, porque fizemos os bloqueios e, como a água está represada e estamos em período de seca, a qualidade está comprometida”, disse o secretário.

O município cobrou ajuda da Samarco para construir um novo centro de captação de água na Lagoa Juparanã. A medida seria para compensar os prejuízos da lama no sistema de abastecimento.

## ENTENDA

## Prejuízos

> APÓS O ROMPIMENTO da barragem da Samarco, em Minas Gerais, diversos empresários capixabas sofreram com a lama de resíduos de produção de minério que invadiu o Rio Doce.

## Colatina

> NO MUNICÍPIO, segundo o prefeito, os principais prejudicados foram os empresários e as famílias que moram às margens do Rio Doce.

> ASSOCIADA À SECA, a lama ainda é um problema, mesmo após mais de 100 dias da tragédia.

## Linhares

> A PREFEITURA estima um prejuízo de cerca de R\$ 70 milhões por causa da lama, que afetou tanto a agricultura, quanto o turismo da região, principalmente em Regência.

> ALÉM DISSO, a cidade briga por uma nova rede de captação de água.

## Baixo Guandu

> MAIS PREJUÍZO, principalmente para a população próxima ao Rio Doce.

> A MAIOR DIFICULDADE da cidade está sendo a transferência dos pontos de captação de água.

## O rompimento da barragem

> NO DIA 5 DE NOVEMBRO do ano passado, por volta das 16 horas, a barragem de rejeitos de minério da Samarco, mineradora controlada pela Vale e pela BHP Billiton, rompeu.

> COM O ROMPIMENTO, foi liberado um volume estimado em pelo menos 50 milhões de metros cúbicos de rejeitos no Rio Doce.

> A QUANTIDADE é suficiente para encher 20 mil piscinas olímpicas.

Fonte: Prefeituras consultadas.

## Empresários pedem retomada

Com a queda no comércio, no turismo e na arrecadação, além do aumento do desemprego, principalmente em Anchieta, empresários da região e representantes do poder público se reuniram ontem para debater medidas para a retomada das atividades da Samarco.

O consultor empresarial da DVF Consultoria e coordenador da comissão formada após o acidente, Durval de Freitas, afirmou que os danos sociais, caso as portas da empresa sejam fechadas, podem ser ainda maiores que os ambientais.

“São 14 mil empregos gerados na cadeia de abastecimento e R\$ 1,8 bilhão de compras por ano feitas pela mineradora no Estado”.

Durval de Freitas salientou que nesse segundo evento, realizado ontem, foi deliberado que a comissão irá se encontrar com o governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, para avaliar a situação da empresa. “Outra agenda será em Brasília, onde o grupo irá se encontrar com o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro”.

Entre os presentes no evento, que aconteceu na Câmara Municipal de Anchieta, também estavam o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Theodorico Ferraz; o deputado federal Evair de Melo; representante da Prefeitura de Mariana e prefeitos de municí-

**EM REUNIÃO,** empresários e representantes do Poder Público avaliaram que se a mineradora fechar as portas prejuízos serão maiores, com a queda na arrecadação e o aumento do desemprego



DURVAL DE FREITAS - 19/02/2015

pios do Sul do Estado.

O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Anchieta, Vinicius Alcântara, afirmou que o comércio, principalmente de vestuário e calçado, tem sido um dos setores mais prejudicados.

“Já com a crise, tínhamos uma redução de 40% no movimento. Com a questão da Samarco, a queda foi de mais 30%. Em janeiro, as

“São 14 mil empregos e R\$ 1,8 bilhão de compras por ano feitas pela mineradora no Estado”

Durval de Freitas, consultor empresarial

demissões começaram.”

O prefeito de Anchieta, Marcus Vinicius Doelinger Assad, também falou sobre a mobilização para a retomada da empresa, já que o município tem sido o mais prejudicado com perda de arrecadação.

“Cerca de 70% da arrecadação do município era provinda da Samarco. Estamos buscando uma alternativa rápida para que a empresa tenha uma capacidade de retomar as atividades.”

O senador Ricardo Ferraz frisou que “os danos ambientais devem ser reparados, mitigados e compensados, mas, diante da pior recessão da nossa história, inflação e desemprego, não se pode fechar as portas de uma companhia desse porte”.

## “Sem a mineradora é pior”

Para o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), Marcos Guerra, o impacto em algumas empresas e na vida da população aconteceu, mas os problemas tendem a ser ainda maiores se a Samarco não voltar a funcionar.

“No primeiro momento, temos que salvar vidas; depois temos que focar na recuperação do meio ambiente. O terceiro ponto é debater a retomada das atividades da empresa, que tem uma relevância enorme na atividade industrial capixaba. Sem a mineradora Samarco é muito pior para a economia capixaba”, defendeu.

Entre os principais afetados, segundo Guerra, está Anchieta. A revista Finanças dos Municípios Capixabas destaca que o ICMS de Anchieta em 2014 foi de R\$ 174,2 milhões (equivalente a 57,8% da receita total de Anchieta), sendo a Samarco responsável pelo equivalente a R\$ 139,4 milhões.

## FATURAMENTO

O faturamento bruto da empresa, em 2014, foi de R\$ 7,6 bilhões e o lucro líquido de R\$ 2,8 bilhões, correspondentes a 25,1 milhões de toneladas de pelotas de ferro exportadas para 36 clientes de 19 países, entre os quais, China, Bélgica, França e Alemanha.

Guerra também destacou que, para conseguir fazer frente ao pro-

blema e conseguir efetivamente reparar os impactos da tragédia, a empresa precisa estar saudável.

“Não podemos tratar o problema apenas de uma forma. O problema existe, mas para a própria empresa ter condições de arcar com as responsabilidades dela, ela vai precisar voltar a funcionar”, argumentou Guerra.

Além dos impactos na economia e no Estado, ele destacou que a empresa também é uma grande empregadora de mão de obra local e dos municípios vizinhos. “Ninguém quer perder emprego”.

ANTONIO MOREIRA - 25/06/2015



MARCOS Guerra defende retomada

## Reportagem Especial

## TRAGÉDIA AMBIENTAL

# Justiça proíbe pesca no Rio Doce

HAULEY VALIM - 27/01/2016

Medida que vale a partir de 2ª feira, por tempo indeterminado, visa preservar a saúde de quem consome os pescados

A Justiça Federal proibiu, por tempo indeterminado, a pesca, de qualquer natureza, salvo a destinada à pesquisa científica, na região da Foz do Rio Doce, entre a Barra do Riacho, em Aracruz, até Degredo, em Linhares, litoral Norte do Espírito Santo.

Segundo a determinação judicial, a proibição passa a valer a partir da primeira hora de segunda-feira.

A Justiça Federal seguiu entendimento do Ministério Público Federal (MPF) de que a medida é necessária para preservar a saúde da população que consome os pescados da região e a sobrevivência das espécies já impactadas pelos rejeitos de mineração provenientes do rompimento da barragem da Samarco, ocorrido em novembro de 2015 em Mariana, Minas Gerais.

A medida também vai possibilitar a conclusão dos trabalhos técnicos que buscam diagnosticar os impactos da lama no mar e a contaminação dos recursos pesqueiros.

Segundo a liminar, a Samarco fica obrigada a divulgar em seu site e na imprensa a proibição da pesca na região, conforme calendário estabelecido pela Justiça. Em caso de descumprimento, há previsão de multa de R\$ 30 mil por dia.

O MPF vai recorrer a respeito de alguns pontos que foram indeferidos



PESCADOR na praia de Regência, em Linhares, que foi tomada pela lama de rejeitos de minério provenientes do rompimento da barragem da Samarco

dos pela Justiça. Entre eles, o pedido para obrigar a mineradora a custear as operações de fiscalização a serem promovidas pelos órgãos públicos e a identificar e cadastrar os pescadores impactados pela proibição da pesca para o pagamento de auxílio-subsistência, no valor de um salário mínimo (R\$

880), com acréscimo de 20% por integrante da família e uma cesta básica mensal, nos moldes do termo de compromisso socioambiental já firmado entre a empresa e o Ministério Público.

Segundo a força-tarefa do MPF, recusar que a Samarco arque com os custos da fiscalização da proibição

da pesca é onerar os cofres públicos com despesas que a própria empresa deu causa.

“A fiscalização dessa proibição pelos órgãos públicos é atividade extraordinária e, portanto, não pode ser paga pela sociedade. Trata-se de hipótese muito clara da aplicação do princípio do poluidor-

pagador, que determina que o empreendedor que lucra com uma atividade deve também suportar os prejuízos causados por ela”, afirma a procuradora da República Walquiria Picoli.

A Samarco foi procurada pela reportagem e respondeu aos questionamentos por meio de notas.

## O QUE DIZ A SAMARCO SOBRE...

### Benefícios

A Samarco informou que 2.580 cartões foram entregues para a população a pescadores, areeiros e outros profissionais cuja subsistência dependia do Rio Doce. No Espírito Santo, foram mais de 1.200 cartões. O auxílio contempla o pagamento de um salário mínimo (R\$ 880), mais um adicional de 20% para cada um dos dependentes e cesta básica (valor de referência do Dieese).

### CADASTRAMENTO

O cadastramento continua neste mês. Para realizar a entrega dos cartões, a Samarco cruza informações e conta com o apoio de prefeituras e associações para identificação dos afetados. O pagamento seguirá por seis meses após a data do acidente.

### Qualidade da água

Informou que análises do Serviço do Geológico do Brasil (CPRM) apontam que a qualidade da água do Rio Doce está compatível com resultados de amostras colhidas antes da passagem da lama de rejeitos. Os resultados confirmam que, depois de adequadamente tratada, a água pode ser consumida sem riscos, pois está em conformidade com a portaria 2.914 do Ministério da Saúde.

### ÁGUA MINERAL

Garantiu que decisão judicial ratifica todos os laudos de laboratórios e autoridades ambientais que atestam a potabilidade da água distribuída. Em razão disso, não se faz necessária a distribuição de água mineral em Colatina.

### Auxílio às áreas afetadas

#### ANCHIETA

Esforços estão sendo feitos para manter a força de trabalho. Em janeiro, um acordo de suspensão temporária do contrato de trabalho foi aprovado



BARRAGEM de Germano, em Minas

em votação junto aos empregados da empresa. A medida visa manter os empregos, ajuda compensatória e benefícios previstos em acordo coletivo.

#### BAIXO GUANDU

Iniciou estudos sobre a construção de adutora definitiva para captar água no rio Guandu, para substituir as atuais adutoras. Também finalizou a perfuração do poço artesiano para atender o distrito de Mascarenhas.

Diz que realiza atividades no município, como atendimento a população ribeirinha e moradores de ilha com água potável e água para dessedentação animal, o fornecimento de silagem para alimentação bovina, auxílio na limpeza do rio Guandu e melhorias nas estações de tratamento de água.

#### COLATINA

Vai construir adutoras do rio Pancas e Santa Maria do Doce, e aguarda as licenças ambientais para início das obras. Também fez melhorias nas estações de tratamento de água (ETAs) e fez perfuração e interligação de seis poços artesanais, e presta apoio técnico 24 horas.

#### LINHARES

A Samarco vai construir adutora para captação de água na Lagoa Nova e iniciará a obra quando receber da pre-

LEONARDO MERÇON/ ÚLTIMOS REFÚGIOS - 29/11/2015



PEIXES MORTOS no Rio Doce

feitura a documentação necessária, como outorgas, autorizações dos órgãos ambientais competentes, etc.

#### REGÊNCIA

Elabora plano de ações para reduzir impactos, incluindo o fomento ao turismo. Tem feito encontros com comunidades, incluindo lideranças de associações de moradores, comerciantes, pescadores, surfistas, artesãos, etc.

#### Recuperação

Foi entregue ao Ibama um plano de mitigação ambiental, que contempla as áreas afetadas. A empresa informou que realiza ações emergenciais para apoiar as pessoas diretamente afetadas pelo acidente nos 37 municípios da

bacia do Rio Doce.

#### DIQUES

Para melhorar aspectos de cor e turbidez dos cursos d'água, estão sendo construídos diques nas proximidades da barragem de Fundão (MG). As estruturas irão conter os sedimentos.

#### DRAGAGEM

A empresa também está na primeira fase da dragagem da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves (MG). A previsão é que dure até 120 dias. Será dragada uma extensão de 400 metros lineares, a partir do barramento da hidrelétrica.

#### ACORDO

A Samarco e seus acionistas, Vale e BHP Billiton, negociam um acordo com autoridades federais e estaduais para definir os planos para lidar com as consequências sociais e ambientais do acidente. O objetivo é entrar em consenso sobre uma estrutura transparente, que permita uma implementação eficiente desse trabalho, de acordo com as necessidades e expectativas da comunidade.

#### SITUAÇÃO DAS BARRAGENS

A Samarco afirmou que as estruturas das barragens de Germano e Santarém (MG) permanecem estáveis com base no contínuo monitoramento.